

brantável existente entre os títulos destas duas obras maiores do pensamento crítico, via trabalho e erotismo, que o século XX produziu: *O Brincar e a realidade* (Winnicott, 1971/1975) e *Eros e civilização* (Marcuse, 1966).

Assim, podemos observar que todo o peso e a orientação da atividade psicanalítica e seu sentido se alteraram com a alteração histórica da ilusão negativa dos primeiros tempos, e suas realidades discriminadas pela análise, para a ilusão positiva de Winnicott, a partir de meados do século XX e seu espaço onde se deve poder habitar a não-discriminação entre sujeito e objeto, zona de ilusão que, no bebê humano, mas também na cultura, diante da arte por exemplo, é fonte real do símbolo, e de sua futura discriminação. De fato, a emergência da obra de Winnicott, a partir dos anos 40 do século XX, porém com mais autonomia e intensidade nas décadas de 1950 e 1960, preocupada com o recebimento social dos bebês e das crianças, no mais frágil limite social da civilização, e com o valor do gesto criativo e de sua ilusão positiva na vida humana, vai corresponder a todo o espaço que a contracultura jovem, erótica e experiencial adquiriu no mesmo período do pós-guerra. E, não é por acaso que, ao fim de sua vida, Winnicott tenha se interessado tanto pela cultura psicanalítica do seu século quanto pelos Beatles.

Essa região desenhada pela obra de Winnicott implica o compromisso de sustentação entre as gerações e da cultura humana para os seus bebês, coisa que, em países de capitalismo periférico, e de tradição escravista, como é o nosso, nunca se configurou plenamente como uma verdade.

Voltando ao problema da história da psicanálise, e ao nosso estudante retórico do início: apenas fixando o termo *ilusão* no processo histórico da psicanálise, nosso leigo ideal realizaria um giro de sentidos de quase 180 graus, apontando todo o sistema da teoria para uma espécie de avesso do modo original de ser da disciplina, avesso que lhe pertence de forma tão legítima quanto aquele, e que, para muitos, ainda é de difícil concepção.

Mas, afinal de contas, perguntaria nosso curioso estudante, já não mais tão ingênuo, qual é a natureza desse saber em que um mesmo termo, no caso a nossa estranha *ilusão*, pode ter valor tão diferente e oposto, em uma espécie de ética viva do conceito, com vistas a circular por mundos humanos tão diferentes, igualmente válidos, que se ligam, se compõem e também se negam, a cada momento da clínica e do pensar psicanalítico? O que isso quer dizer, sobre o modo psicanalítico de construir conhecimento e de, digamos, dar nome às palavras?

Que grande ilusão, ou desilusão, é esta coisa chamada psicanálise, que se põe, a cada momento de sua história, a reinventar de forma coerente, desde Freud e sua pulsão, por vezes sob o signo de uma mesma palavra, como, por exemplo, *ilusão*, o sentido e a natureza da experiência humana? Com base em mundos tão diferentes, e suas respectivas ilusões, de Winnicott e Freud, qual afinal é a grande ilusão humana que foi chamada por muitos de nós de psicanálise?

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Benjamin, W. (1985). A doutrina das semelhanças. In W. Benjamin, *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política* (p. 108-114). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1933).
- Bion, W. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Foucault, M. (2002). A prosa do mundo. In M. Foucault, *As palavras e as coisas* (p. 23-61). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1966).
- Freud, S. (1990). Conferência XVII: O sentido dos sintomas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 16, p. 305-322). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Lacan, J. (1986). *Seminário I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marcuse, H. (1966). *Eros and civilization: A philosophical inquiry into Freud*. Boston: Beacon Press.
- Winnicott, D. (1975). A criatividade e suas origens. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade* (p. 95-120). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).

Resumo

Este ensaio compara o universo freudiano ao redor da noção de ilusão, racionalista e iluminista, e que portanto antecedeu à psicanálise, com o campo de sentidos que a noção teórica e clínica de ilusão em Winnicott, propriamente psicanalítica, construída a partir de sua experiência com bebês, põe para a psicanálise e a vida humanas.

Palavras-chave

Crítica. Freud. Ilusão. Paradoxo. Winnicott.

Summary

Psychoanalysis and illusions

This essay compares the Freudian illusion's sense and its meanings, that came from an historical illuminist thinking, with the Winnicottian concept of illusion, that makes a remarkable psychoanalytical transformation in the term, with effects that are specifically political and social.

Key-words

Critic. Freud. Illusion. Paradox. Winnicott.

Tales A. M. Ab'Sáber
Rua Joaquim Antunes, 490, cj 21 – Pinheiros
05414-020 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3083-7108
tsaber@usp.br

Notas sobre ilusão em Freud

Daniel Delouya*

Seguindo alguns filósofos e antropólogos, Freud sustentou a emergência sucessiva, na história da raça humana, de três sistemas de pensamento ou modos de experimentar e ver o mundo (*Weltanschauung*): o animista (o mais amplo e consistente), o religioso e o científico. Tais sistemas correspondem, *grosso modo*, aos estágios da constituição do sujeito: o narcisismo primário, a trama edípica e a aceitação da castração. Pensando a relação objetual nesses respectivos estágios, o primeiro corresponderia à dependência cega e absoluta (em face do desamparo infantil) em relação ao ambiente; o segundo, à relativa dependência, ambivalente e conflituosa, em relação aos pais em meio à diferenciação sexual e amorosa; e, por fim, a saída dessa trama e o engajamento no universo real, cultural.

Neste quadro, fica claro que, do mesmo modo que o narcisismo primário constitui o substrato inicial sobre o qual se desenrola a trama edípica e se ergue o sujeito, o animismo fornece os fundamentos de todas as religiões, e as últimas os da organização social e da cultura. Tese central do livro *Totem e tabu* (1913/1986a) que será ampliada e sofisticada nas obras sobre a psicologia das massas (1921/1985a) e sobre *Moisés e a religião monoteísta* (1938/1986b). Ainda nesse período, Freud publica, em 1927, *O futuro de uma ilusão*, de cunho polêmico (raro ao seu estilo), em que a fé religiosa figura como refúgio para uma corrente psíquica primitiva que recusa e desmente (*Verleugnung*) a realidade da castração, da solidão humana, para retroceder às garantias ilusórias da dependência absoluta do estágio inicial do desamparo infantil.

O posicionamento no terreno da religião tende a desviar a atenção, a ponto de nos fazer desconsiderar inteiramente o contexto acima e de nos levar a crer que Freud conferiu um valor negativo ao universo da ilusão. Vale, portanto, recuperar o eixo central da concepção freudiana. Esta liga a ilusão com os estágios iniciais da vida, significando que ela jamais poderia abrigar uma conotação negativa, mas, ao contrário, constitutiva. No ensaio de 1927, Freud afirma que a ilusão não é o mesmo que um falseamento da realidade, já que sua fonte reside nos *desejos infantis*, ou seja, no que é mais positivo e fundamental do edi-

fício freudiano. Clarão que potencializa uma interlocução com o aporte de Winnicott, pois foi ele quem teceu, e genialmente, os fios de ligação entre ilusão, criatividade e realidade. Uma incursão rápida pelas fontes e destinos da ilusão em Freud expõe, de fato, os verdadeiros alicerces da arrojada e arejante proposta winnicottiana. Nas notas que seguem, início apenas tal exposição, limitando-me a mapear, sucintamente, a trajetória freudiana na qual se implica a idéia de ilusão.

A semente da ilusão, no bebê e na criança, implanta-se no estágio dominado pela onipotência que também caracteriza o sistema do pensamento animista. Entretanto, é na reserva do mundo da fantasia e dos devaneios, circunscrito mais tarde pela aquisição progressiva do princípio da realidade, que a ilusão adquire sua identidade. Esse universo, de fantasia e devaneio, constitui a área da criação, fonte da “ilusão artística” (Freud, 1913/1986a) com que alguns fabricam, graças a seu dom estético, obras que obtêm reconhecimento junto aos demais sujeitos na sociedade adulta. Tal geração e diferenciação da ilusão, desde o pólo da onipotência e até o da fantasia, e a serviço da criação artística, encontra um eco (descoberto por Freud) na explicação de Wundt sobre a impressionante *identidade de idéias animistas* entre diferentes raças e povos: “São produtos psicológicos impostos por uma consciência mitopoética [...], do estado natural do homem”².

São essas as constatações mais gerais sobre a fonte e os destinos da ilusão; porém, para serem elucidados no contexto metapsicológico, é preciso expor os eixos da ilegibilidade clínica dos quais Freud as inferiu.

Os estudiosos, afirma Freud (1913/1986a), definem o sistema do pensamento animista em torno de uma *confusão: uma conexão ideal é confundida com uma real*. Trata-se de um princípio mágico de *ação*, em que uma intencionalidade, oriunda das idéias – das representações –, adquire uma prevalência sobre a realidade da percepção, esta sendo regida pelos limites do espaço e do tempo. Freud estabelece uma analogia entre esse ato mágico de influir e agir sobre seres e acontecimentos no mundo e a maneira alucinatória com que o bebê e a criança tendem a satisfazer, a

* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professor no programa de pós-graduação em Psicologia e coordenador do Centro de Psicanálise da Universidade São Marcos (SP).

1 Cf. o terceiro ensaio de Freud (1913/1986a).

2 Citação feita no terceiro ensaio de Freud (1913/1986a, p.134).

realizar, seus desejos. O bebê os realiza pelas “excitações centrífugas de seus órgãos dos sentidos”, misturadas – em função da mola do movimento pulsional que as origina – com a descarga motora (o choro e o espernear), que é desprovida de eficiência real devido à imaturidade muscular. No animismo, praticado pelo adulto, destaca-se a dimensão motora da realização alucinatória, contida no ato ritualístico em virtude da padronização estabelecida pela tradição grupal. O ato mágico lança mão de duas estratégias ou técnicas, o *contágio* e a *imitação*, que, também, encontram um paralelo no mundo das crianças. No ato de influência mágica, uma classe de ritos faz uso de uma parte, simbólica ou real, do ser que pretende atingir (uma efígie, relíquia, algum pertence, ou até partes de seu corpo – cabelos, orelha etc.). Essa é a influência por contágio. Outra classe visa alcançar tal objetivo pela imitação, por exemplo, quando um casal “torna” sua terra fértil realizando o ato sexual na própria terra plantada. Esses ritos evocam, claramente, o brincar das crianças, ao fazerem uso dos pertences dos adultos (contágio) ou ao adotarem os papéis dos pais no jogo (imitação).

O brincar das crianças já é um universo diferenciado. No entanto, Freud foca esses meios técnicos, por *contigüidade* e por *semelhança*, análogos às respectivas metonímia e metáfora que regem o funcionamento inconsciente, com a pretensão de ultrapassar, onipotentemente, os limites da realidade – o espaço (distância), e o tempo (seqüência cênica da ação). A excitação centrífuga dos órgãos dos sentidos é tributável do substrato alucinatório existencial-cênico (*ser/fazer*), pois nele reside a fonte de realização pela figurabilidade (*Darstellbarkeit*). Os três constituem os conhecidos processos principais do trabalho do sonho.

Freud se coloca, então, do lado dos estudiosos do animismo que postulam, na origem, a onipotência do indivíduo, com a transferência gradativa dessa onipotência para os espíritos e os deuses das futuras religiões, já que tal movimento se assemelha à passagem do estágio do narcisismo primário, em que predominam os investimentos auto-eróticos, para o dos investimentos objetivos. Freud frisa, aqui, a persistência, durante toda a vida do sujeito, de uma oscilação entre a libido do eu e a dos objetos, sendo que a primeira permanece como reservatório-fonte. Com essa configuração de vai-e-vem, entre onipotência e geração das personagens e cenário da fantasia, Freud delinea o espaço, a dinâmica e a economia em que se desenrola o universo da ilusão.

Se o impulso ilusório provém da onipotência infantil, o enredo, a trama e a função da ilusão no brincar e na criação, ou seja, no palco das fantasias que os compõem, se

situam em outro plano. O brincar e a criação, e as fantasias que põem em marcha, fazem parte, segundo Freud, de uma *reserva* psíquica natural. Pois nela se alojam, além da fonte “natural” da onipotência originária, as personagens e os roteiros da fantasia que dela emanaram.³ Só se pode falar de uma reserva natural quando já existe a civilização. Freud afirma explicitamente que, no brincar e no fazer artístico, cavam-se um caminho, uma conexão e um *trânsito* em direção à realidade.

Antes de explicitar os pressupostos e achados conexos a essas colocações, é necessário lembrar o que se depreende delas. A fantasia, o fantasiar e o devaneio emergem como conseqüências de certa restrição imposta à onipotência pela progressiva conquista do princípio da realidade, e, portanto, da circunscrição do recalcado que engendra uma fonte mnêmica, de natureza edípica, para tecer as fantasias e confeccionar suas tramas no brincar e na criação artística. Como se faz esse salto, do estágio de onipotência alucinatória do narcisismo primário, para um funcionamento de acordo com a percepção da realidade? Salto que lança mão de um aparelho de pensar – uma espécie de maquete dos projetos mnêmicos –, que se interpõe a meio caminho entre as urgências pulsionais e a ação.

A realização alucinatória e sua onipotência são desencadeadas pelo estado de despreparo para o qual o bebê é tragado diante da violência oriunda das urgências pulsionais e dos estímulos sensoriais e objetivos do ambiente que o circunda. A alucinação, como vimos, é um ato existencial, de ser-fazer. Palco e cenário que substituem, respectivamente, o espaço e o tempo da realidade; onipotência – estar e agir ultrapassando os limites do espaço e do tempo – para contornar o desamparo. No artigo de 1915, *A pulsão e seus destinos*, Freud nota que o mundo exterior é *indiferente* para o bebê. Trata-se de um estado narcísico auto-erótico originário, em que o eu-corpo do bebê é investido pelas pulsões e se mostra, ele mesmo, capaz de satisfazê-las: “O mundo exterior não é investido pelo interesse (no sentido mais geral do termo); é *indiferente* no que concerne à satisfação” (Freud, 1915/1991c, p.133). Tal sistema, salienta Freud em 1911, não tem nenhuma chance de existir, e só é concebível sob a condição de que nele se incluam os cuidados maternos.⁴ Ou seja, a organização narcísica auto-erótica do bebê repousa sobre a *ilusão* de que é ele, o bebê, quem dispensa o seu próprio bem, e não a mãe que o provê de fato. *Ele ignora o mundo exterior* porque engloba a mãe nos efeitos de sua onipotência, já que não reconhece sua existência separada.

Winnicott destaca e distribui elogios a essa nota de Freud, por ser explícita sobre o desempenho da mãe. Assen-

ta-se aí um dos pontos fundamentais da teoria winnicottiana. Seria interessante lançar uma luz sobre alguns pontos de intersecção entre Winnicott e Freud no que tange ao nosso tema. Na linguagem de Winnicott, o caminho em direção à realidade, o sucesso da desilusão progressiva, concomitante ao advento dos fenômenos transicionais – e da possessão não-eu –, dependem do respaldo (*holding*) dado pelo ambiente à onipotência do início da vida do bebê, em que predomina o objeto subjetivo. Na seqüência, a condução (*handling*) pelo objeto, “especializada” e singular, é necessária para adentrar a área intermediária, transicional, e seguir em direção a um objeto percebido de maneira objetiva e, portanto, passível de uso. Winnicott frisou, desde seus primeiros textos, assim como Freud o fez, a concessão ao bebê de um direito de onipotência, também, em vista da incapacidade do bebê de lidar com a própria realidade interna, o que acarreta a defesa maníaca.⁵ Vale lembrar o texto precursor, por excelência, do memorável ensaio de 1951, sobre a transicionalidade (Winnicott, 1951/1975a). Trata-se da descrição, em 1941, do jogo da espátula como ferramenta de tratamento pediátrico (Winnicott, 1941/1988c). Aqui, também, o foco é na fantasia inconsciente, porém Winnicott lança luz sobre uma etapa, denominada hesitação, em que o bebê como que desperta para a realidade, buscando – pelo olhar –, junto ao casal “real” (mãe e médico), uma licença para poder brincar... Há aqui uma transição, transitividade, entre as realidades interna e externa, já que obter licença para pegar a espátula significa, na linguagem kleiniana do Édipo, poder “buscar lá dentro”, partilhar, o pênis do pai. Em 1951, Winnicott volta a enfatizar essa mesma idéia de *concessão* de direito: a área intermediária é algo que tem a ver com uma legitimação feita pelo ambiente ao bebê, e se constitui entre a criatividade primária deste e a realidade objetivamente percebida. Tal concessão refere-se, justamente, ao “uso da ilusão” (1951) e, com isso, à instauração do canal, a área intermediária, de acesso à realidade, que, do ponto de vista do adulto (mas não do bebê), se situa no plano objetivo da percepção.

Não vou me deter sobre os outros aspectos da transicionalidade. O que nos interessa é apontar, em Freud a princípio e depois em Winnicott, para a seguinte semelhança: a ilusão serve de ponte, de transição, no brincar das crianças, e na criação artística, entre uma reserva natural (criatividade primária, onipotente, a partir da qual vicejam inicialmente os desejos e depois as fantasias) e a realidade. O ponto principal é a relação com a realidade, e essa só pode se estabelecer por uma concessão emanada do objeto. Algo que Freud descreve desde seu *Projeto de uma psicologia*, de 1895. Winnicott deu a isso um desenvolvimento mais específico, e em estilo linguístico próprio, a partir do

trabalho com bebês e crianças. Freud, além de fornecer as bases metapsicológicas para essa construção, deteve-se na área da criação, comparando-a, persistentemente, com o mundo infantil. O artista, diz Freud, permanece imerso em suas fantasias infantis, porém encontra, ao contrário do neurótico, uma solução melhor de realizá-las na realidade, na cultura. Ele se utiliza de seus dons estéticos de apresentação para se tornar o próprio herói da fantasia, obtendo fama, dinheiro e as mulheres que deseja. Ele já tem em vista, no próprio trabalho, a concessão, torcida e companhia dos outros. Há, aqui, como no jogo da espátula, um fundo histórico, pessoal e grupal, para essa concessão. Na citação acima, de 1911/1991a, afirma-se claramente que a mãe deve proporcionar muito cedo esse espaço necessário à ilusão. Os desdobramentos de tal concessão permeiam toda sua obra. Freud costumava dizer, em tom de carinhosa brincadeira, que os artistas, em especial os poetas, são “irresponsáveis”, e se permitem sê-lo porque gozam de um privilégio, de uma licença artística. A eles é permitido brincar, “botar para valer” sua ilusão em marcha. Esse mimo lhes foi dado porque foram, no mito, os preferidos da mãe; são os mimados caçulas das famílias originárias da humanidade (Freud, 1921/1985a). Amados, tornam-se heróis, verdadeiros heróis, realizadores...

O trânsito entre civilização e reserva “natural” sofre uma catástrofe no psicótico. Ele é vítima de um *tsunami*, de uma invasão da natureza (do Isso) e da destruição de sua civilização (do Eu)... Em outros casos o eu, escreve Freud, sofre fissuras, pode se tornar um arquipélago; cinde-se para se defender, para manter alguma coesão diante de tamanha ameaça. Já no neurótico, o problema é com o trânsito livre... Os refúgios à reserva natural não são aproveitáveis para o uso na própria cidade... proibição?... Não vou me deter sobre as relações que Freud estabelece através dessa metáfora, que enfoca a relação fantasia-artista, a respeito das configurações clínicas (Freud, 1916/1976). Winnicott demonstrou que falhas na concessão de direito à onipotência e à constituição do espaço intermediário de ilusão geram sérios problemas. Essas carências impelem ao refúgio na onipotência infantil, transformando-se em clausura, prisão do sujeito, ou seja, sem acesso à realidade. Há, em vez disso, uma imersão num tipo de fantasiar que é oposto ao sonhar e ao viver (Winnicott, 1951/1975a). Esse refúgio na onipotência visa suplantar a falta de uma concessão, por parte do ambiente de origem, a um *playground* para a ilusão e o brincar, o que impede o confronto com o mundo real. Freud (1924/1993b) está em pleno acordo, quando assinala as variações dessas medidas de se curar, pela realização, seja no fantasiar do sintoma neurótico, seja no delírio do melancólico ou no recriar implacável do mundo pelo

3 Cf., como exemplo, *Os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/1991a), a *Conferência XXIII* (1916/1976), *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924/1993a), além dos clássicos ensaios sobre a arte e a fantasia, como *Os personagens psicopáticos no palco* (1906/1988a), *Os escritores e o devanejar* (1908/1988b) e *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916/1988c), entre outros que interpretam obras de arte e seus criadores.

4 Trata-se da quinta nota de rodapé do referido ensaio.

5 Nesses textos há uma atenção específica sobre a luta no âmbito da fantasia inconsciente, tal como fora entendida por Melanie Klein. Não obstante, Winnicott já está, nesse estágio, atento à legitimidade concedida pelo objeto contida nos próprios cuidados e na companhia à criança. Cf., respectivamente, os textos (1931/1988a) *Nota sobre normalidade e ansiedade* e (1931/1988) *A defesa maníaca* (1935/1988b).

psicótico. Algo semelhante parece ocorrer, segundo ele, no nível grupal, em relação à religião, quando esta se coloca como refúgio.

Voltando, para finalizar, à questão da companhia e da concessão de direito à ilusão, ela é bastante sugestiva no que diz respeito à função do analista, qual seja, a de concessão de direito, materializada na própria companhia, especializada, para o trabalho da ilusão daquele que o procura para ser curado.

Referências

- Freud, S. (1976). Introductory lecture XXIII: The paths to the formation of symptoms [Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 1, p. 404-424). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1985a). Group psychology and the analysis of the ego [Psicologia de grupo e a análise do ego]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 12, p. 91-178). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1985b). The future of an illusion [O futuro de uma ilusão]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 12, p. 179-242). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1986a). Totem and taboo [Totem e tabu]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 13, p. 43-224). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1986b). Moses and monotheism [Moisés e o monoteísmo]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 13, p. 237-386). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1938).
- Freud, S. (1988a). Psychopathic character-types on the stage [Tipos psicopáticos no palco]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 14, p. 119-128). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1906).
- Freud, S. (1988b). Creative writers and day-dreaming [Escritores criativos e devaneio]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 14, p. 129-142). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1988c). Some character-types met with in psychoanalytic work [Alguns tipos característicos encontrados no trabalho psicanalítico]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 14, p. 291-320). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1991a). Formulations on the two principles of mental functioning [Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, p. 29-44). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1991b). On narcissism: An introduction [Sobre o narcisismo: Uma introdução]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, p. 59-99). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1991c). Instincts and their vicissitudes [Os instintos e suas vicissitudes]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, p. 105-139). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1993a). Neurosis and psychosis [Neurose e psicose]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 10, p. 209-218). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1923).

- Freud, S. (1993b). The loss of reality in neurosis and psychosis [A perda da realidade na neurose e na psicose]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 10, p. 219-228). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Jr., trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Winnicott, D. W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (p. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (1975b). Sonhar, fantasiar e viver: Uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (p. 45-58). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (1988a). Nota sobre normalidade e ansiedade. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 57-76). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1931).
- Winnicott, D. W. (1988b). A defesa maníaca. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 199-217). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1935).
- Winnicott, D. W. (1988c). A observação de bebês em uma situação padronizada. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 112-132). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1941).

Resumo

Freud se interessou pela relação da ilusão com o fazer artístico, traçando, em paralelo, sua trajetória no sujeito. A ilusão origina-se da onipotência do narcisismo primário e da realização alucinatória do desejo, para se dispor, mais tarde, ao brincar e ao mundo da fantasia. A realidade exige, desde o início, um respaldo por parte do objeto para esse *playground*, palco e cenário da vida psíquica. Tal concepção coloca em evidência os alicerces da contribuição winnicottiana.

Palavras-chave

Animismo. Fantasia. Ilusão. Objeto. Onipotência.

Summary

Notes on illusion in Freud's work

Thinking intensively on the relation between illusion and art, obliged Freud to review and depict the trajectory of the illusion in the subject life: it is derived from the infantile omnipotence of primary narcissism and wish hallucinatory realization, to become later available for the worlds of fantasy and playing. In view of reality exigencies, the object is recruited to support, from the very firsts moments of life, such a playground, stage and scenario of our soul. This conception provides the foundations of the main contribution of Winnicott.

Key-words

Animism. Fantasy. Illusion. Object. Omnipotence.

Daniel Delouya

Rua Capote Valente, 438/104 – Pinheiros

05409-001 – São Paulo – SP

Tel.: 11 3063-0018

delouya@terra.com.br

Psicanálise e estética: ressignificação de conflitos psicóticos e reciprocidade criativa

Antonio Sapienza*

*De manhã escureço
De dia tarde
De tarde anoiteço
De noite ardo.
A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.
Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando.
“Poética I”, Vinícius de Moraes.*

mente, com vistas a promover a personalização em face de ameaças de despersonalização (Resnik, 2001).³

O livro *The vale of soulmaking*, de Meg Harris Williams (2005), reúne amplo leque de referências e constitui valiosa fonte para o estudo de modelos mentais do *self* criativo dos humanos; os capítulos oitavo, “Criatividade e contratransferência”, e nono, “Poética pós-kleiniana”, são admiráveis. A autora realiza fino trabalho de garimpagem objetivando o estudo das origens culturais enraizadas no mundo da Poesia, da Filosofia, da Mitologia, da Literatura, da Pintura, da Escultura, da Música, do Teatro, do Cinema e da Dança, e estabelece significativas pontes para o leitor interessado em investigar e acompanhar refinada metodologia poético-psicanalítica relacionada ao modelo “pós-kleiniano” da mente.

Passo a expor os fotogramas emocionais atinentes ao tema proposto.

Fotograma 1: A linda princesa presa num espaço blindado

Como acordar sem sofrimento?
Recomeçar sem horror?
O sono transportou-me
àquele reino onde não existe vida
e eu quedo inerte sem paixão.
Como repetir, dia seguinte após dia seguinte, a fábula inconclusa,
suportar a semelhança das coisas ásperas
de amanhã com as coisas ásperas de hoje?
Como proteger-me das feridas
que rasga em mim o acontecimento,
qualquer acontecimento
que lembra a Terra e sua púrpura
demente?
E mais aquela ferida que me inflijo
a cada hora, algoz
do inocente que não sou?
Ninguém responde, a vida é pétrea.
“Acordar, viver”, *Poesia completa*, Carlos Drummond de Andrade.

A analista, descontando o que reconhece de sua própria psicopatologia, resolve contar na sessão, num

Este texto dirige-se aos psicanalistas contemporâneos com experiência de prática clínica;¹ sua fonte mais explícita é a do cotidiano clínico, de onde foram extraídos, em diferentes épocas, cenas e recortes de sessões e supervisões analíticas, os quais serão apresentados como um conjunto de fotogramas. O termo “fotograma” é emprestado do psicanalista britânico Wilfred R. Bion (1991, I, p. 646) e será usado de acordo com a seguinte acepção: “um retrato analógico que registra fenômenos mentais como se vistos”.²

Assim, será apresentada uma montagem de quatro fotogramas e, por ser privilegiada a lógica intuitiva, serão denominados fotogramas emocionais. A partir de cada um deles desenvolvo um breve exercício, desde o vértice estético-psicanalítico, que visa à exposição de momentos em que se manifestam conflitos estéticos na parceria e a uma possível abertura para nós, os analistas, pensarmos caminhos de mobilização e suficiente ventilação para a expansão e a elaboração de reciprocidade estética (Williams, 2005).

As fontes de inspiração guardam íntima vinculação com a busca de continentes dotados de capacidade de *rêverie* (Sapienza, 1999) e sinalizam caminhos de pesquisa para reavivar nossas reservas de intuição treinada psicanalítica-

* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1 *The ethos of psychoanalysis*, p. 34.

2 Ao leitor interessado em aprofundar pesquisa de alguns conceitos ligados à obra de Bion apresentados neste escrito, destacarei alguns verbetes que podem ser encontrados no livro de autoria de Paulo Cesar Sandler (2005) e que estarão indicados em notas de rodapé.

3 “Theory of Schizophrenia” (Sandler, 2005, p. 659).